

Os Braços da Lancha

José Peixoto

“Lá sai a derradeira! Ainda agarra as que vão na dianteira...” António Nobre ficaria feliz se soubesse que a derradeira lancha poveira, navega há 20 anos na dianteira. Ricardo Jorge Ferreira nasceu na cidade da Beira, Moçambique, em 1969, e vive na Póvoa de Varzim desde 1980. Com algumas cadeiras em falta para completar a licenciatura em Educação Física, o tripulante da Fé em Deus sempre gostou da aventura e quando foi convidado para integrar a tripulação não hesitou: “na altura estava a trabalhar como guia de eco turismo. Um dia, como o Manuel Lopes procurava sangue novo para a tripulação, o amigo Zé Pedro abordou-me para fazer uma viagem na lancha e eu aceitei o desafio”.

Ricardo Ferreira nunca mais esqueceu a adrenalina da primeira viagem: “foi a Poio, Combarro. Essa viagem tornou-se na maior aventura da minha vida. Fomos sempre à ré, porque é o lugar onde se sente menos a ondulação.

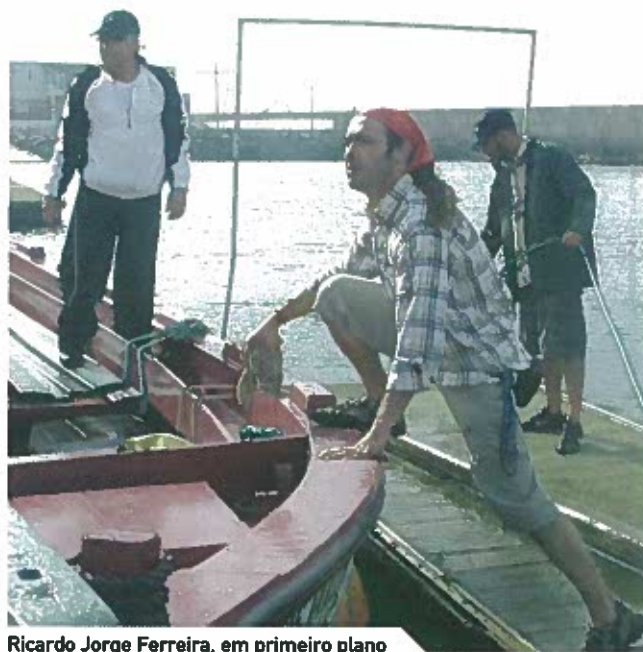
Mas havia tantas curvas que eu mandei a carga ao mar sete vezes. Aliás quase toda a gente emborcou. Apercebi-me de uma coisa fantástica. Vaga após vaga, consoante descíamos ou subíamos a onda, a proa estava sempre com um ângulo diferente em relação à onda. Era a sabedoria do mestre Agonia, para manter a estabilidade da embarcação. Para além do conhecimento que é preciso ter, é também um esforço muito grande segurar aquele leme tantas horas em mar revolto, com vagas de cinco ou seis metros. Só descansamos quando chegamos ao conforto da ria de Vigo. Nesse momento deus estava num barco de crianças com fé, porque a alegria era imensa”.

São as viagens mais tumultuosas que sobreviveram mais tempo na memória. “Na viagem para Cambados o motor quinou, tivemos que erguer mastro e vela e regressar a Lá Guardia. Foi uma entrada inesquecível, com remos preparados para travar dentro do portinho, para impedir cho-

ques com embarcações. Nada disto se via do mar mas o mestre adivinhou tudo. Mais de metade da tripulação nunca fez vida de mar e só pode limitar-se a ajudar na ordem. É o conhecimento do mestre, do Victor e do Carlos que nos vale. A nós valha-nos o nome da lancha, Fé em Deus”.

Ricardo Ferreira acredita que já viveu momentos que só os antigos pescadores viveram: “é proibido errar no mar. Os nossos antepassados faziam todas as manobras com a perícia do saber. Como não havia motor, remar era natural, invejavam apenas a falta de vento. A nós dói mais. Primeiro porque sabemos que há motores que nos podem livrar do esforço, e remar não é uma prática do conhecimento geral da tripulação. Mas foi o que fizemos em Lá Guardia, do portinho até ao rebocador que estava bem lá no mar, afastado o suficiente para uma grande estafa”.

Nos encontros de embarcações tradicionais o convívio compensa as bofetadas do



Ricardo Jorge Ferreira, em primeiro plano

mar. Mas o tripulante reconhece que as longas viagens também têm ganhos: “os atriotos nunca sobrevivem à viagem. A lancha é uma ilha habitada por pessoas que tendem a ser uma só. Nesta união de personalidades aprendemos a moldar-nos uns aos outros, para resolvermos as adversidades que possam

surgir”.

Ricardo Ferreira quer continuar disponível para os afazeres da lancha poveira: “não me consigo ver fora da lancha. Tenho muito apreço pelo mestre e por toda a tripulação. Se o pelouro da Cultura da Câmara municipal continuar a dinamizar o projecto da lancha poveira, isso enche-me de orgulho”.

Altos Tachos Na Biblioteca Municipal

“Altos Tachos” é a denominação da exposição de esculturas de Manuel Horta que está patente ao público, na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim, até ao dia 4 de Fevereiro. Nascido em Almada em 1970, Manuel Horta é mestre em escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde se licenciou.

A exposição resulta da exploração de conceitos chave como resíduo, consumo, acção e espaço. A obra envolveu também a recolha e reutilização de materiais, e ainda o contacto com materiais e tecnologias como a pedra, madeira, cerâmica e meios áudio visuais. O autor brinca com conceitos populares deixando o “molete”, o pão, assumir o papel de resíduo que alimenta o capital e não retira a fome, elemento alvo da industrialização que se transforma num excedente. “Molete” e



“altos tachos” são expressões da língua portuguesa ilustrativas dos conceitos utilizados, “palavras-chave” próprias em diferentes culturas que são reconhecidas nos seus contextos, aos quais o autor dá um relevo.

Os altos tachos são apresentados como figuras simbólicas do capital e do poder. O resíduo e a sobra representam

a humanidade dividida por fendas socioeconómicas revelando também uma perspectiva sobre as novas tecnologias de comunicação vistas como servis ao consumo e ao lucro económico garantido. Contemplar os trabalhos expostos de Manuel Horta é um estímulo à reflexão sobre a actualidade.



Estrutura Altos Tachos